
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar

Revista Cocar. Edição Especial N.17/2023, p.1-20

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?

Currículo, infância e (r)existências: o que as crianças nos ensinaram na pandemia

Curriculum, childhood and (r)existence: what children taught us during the pandemic

Daniela Finco

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Guarulhos - Brasil

Marta Regina Paulo da Silva

Reny Scifoni Schifino

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

São Caetano do Sul - Brasil

Resumo

Ao questionar o que as crianças pequenas nos ensinaram na pandemia, abordamos questões relativas às especificidades das diretrizes curriculares da Educação Infantil, reafirmando o direito à infância, à brincadeira, à interação. O intuito é dar visibilidade às vozes infantis e assim contribuir na compreensão dos direitos das crianças pequenas e de suas formas de (r)existências. Analisamos quais foram os lugares ocupados por elas no contexto pandêmico, identificando como ocorreram as interações e as brincadeiras. Trata-se de uma pesquisa colaborativa, com professoras pesquisadoras de três creches da região metropolitana de São Paulo, a partir dos seus registros e documentações pedagógicas, e que tem como base os estudos sociais da infância e a epistemologia freiriana.

Palavras-chave: Direito à infância; Pandemia; Educação Infantil.

Abstract

Inquiring what young children taught us during the COVID pandemic, we addressed issues related to the specifics of the curriculum guidelines for early childhood education, seeking recognition for the rights to childhood, play, and interaction. We aim to give visibility to children's voices and understand the rights of young children and their forms of (r)existence. We analyzed the places occupied by young children in the pandemic context, trying to identify how the interactions occurred in the spaces of Early Childhood Education institutions. This is collaborative research; it was made in cooperation with research professors from the metropolitan region of São Paulo based on their pedagogical records and documentation. In addition, it is based on the social studies of childhood and Freire's epistemology.

Keywords: Right to childhood; Pandemic; Early Child Education.

Introdução

O Brasil, assim como todos os outros países, ainda sofre com os impactos da pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-Cov-2, que assolou o mundo desde o início de 2020. O excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 no país já levou a óbito mais de 695 mil pessoas. A banalização das mortes em massa pela negligência governamental, naturalizou também as mortes de crianças. Após quase dois anos de pandemia, no final de 2021, ainda se discutia se as crianças no Brasil deveriam ou não ser vacinadas. O descaso com as crianças pequenas desde bebês passou pela morosidade em que foram tomadas medidas para a proteção da vida das crianças, assim como as de seus/suas professores(as) (FINCO, SOUZA, ANJOS, 2021).

Este contexto nos provoca a problematizar os processos da crise social contemporânea brasileira, do aumento das desigualdades, resultado dos mecanismos de invisibilização e desumanização presentes em nossa sociedade, construídos historicamente e explicitados e agravados com a pandemia (CHAVES, FINCO, 2021). Considerando que nem todos(as) são atingidos(as) da mesma forma, ao se considerar a lógica de poder caracterizada por processos de exploração e discriminação, a crise sanitária se intensifica revelando as contradições sociais, impondo demandas que se justificam pela precarização do trabalho e dos direitos sociais. (SANTOS, 2020). Isso implica em considerarmos os diferentes contextos e realidades aos quais as crianças pequenas estão submetidas, pois os impactos da pandemia são proporcionais aos lugares sociais que ocupam.

As medidas restritivas de isolamento social e distanciamento causaram muitas incertezas, medos e pressões às instituições educacionais, cabe dessa forma questionar neste artigo como o isolamento social afetou diretamente as crianças pequenas e seus contextos educativos, buscando compreender como viveram esse período assim como o retorno à creche ainda em plena pandemia.

Especificamente em relação às creches, instituições participantes da pesquisa, estas tiveram suas atividades presenciais suspensas desde o mês de março de 2020, situação que conduziu os/as profissionais da educação, famílias e crianças a atuarem em um contexto inédito, carregado de angústias e tensões. Em face a esse contexto, as secretarias municipais de educação elaboraram estratégias de ação junto à comunidade escolar, dentre as quais se

encontravam o ensino remoto emergencial e, a partir de meados de 2021, o atendimento parcialmente presencial.

Apesar de todos os esforços entre as equipes educativas e as famílias, visando a manutenção de vínculos e continuidade ao trabalho pedagógico, o atendimento não presencial revelou-se incapaz de atender às especificidades da educação da criança pequena. Pesquisas como a de Vieira (2021) demonstram como a educação não presencial não contemplou as especificidades do projeto educativo destinado às crianças na Educação Infantil, que possui seu eixo norteador nas interações e nas brincadeiras, afinal, "não há estratégia remota que substitua a riqueza das experiências vivenciadas no cotidiano pedagógico na creche" (VIEIRA, 2021, p. 163).

No que tange à especificidade da Educação Infantil, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED (ANPED, 2020) elaborou um manifesto ressaltando a impropriedade da modalidade de Ensino a Distância (EAD), tendo em vista a defesa dos direitos das crianças. Considerando o currículo e a especificidade do trabalho pedagógico com as crianças pequenas, não podemos deixar de destacar sua singularidade, uma experiência educativa eminentemente interativa, sem listagem de conteúdos previamente definidos. Assim, o currículo da Educação Infantil é concebido como “um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico” (BRASIL, 2010, p. 12). O Manifesto alertava a dinâmica da Educação Infantil, que ocorre mediante a organização de vivências e experiências que extrapolam atividades ou sequências correntemente denominadas didáticas e perpassam as brincadeiras e as relações de cuidado. Afinal, como propor um atendimento educacional às crianças pequenas sem ferir seus direitos às interações e às brincadeiras como orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010)?

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, visa o desenvolvimento e aprendizagens das crianças por meio do cuidar e educar, complementando a ação da família e comunidade. Nesse sentido, tem por objetivo garantir à criança acesso a “processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (BRASIL, 2010, p.

18). Para acolher tal objetivo, as diretrizes curriculares nesta etapa da Educação têm como eixo do trabalho pedagógico as interações e as brincadeiras, sendo regidas por princípios éticos, estéticos e políticos que afirmam a criança como um sujeito de direitos e como ator social.

Embora as crianças sejam reconhecidas como sujeitos de direitos, ainda pesa sobre elas uma história de silenciamento que revela uma das formas mais perversas de opressão a qual adultos e adultas impõem sobre meninos e meninas a sua leitura de mundo, negando o direito de dizerem a sua palavra, bem como desqualificando a sua cultura (SILVA, FASANO, 2020). Este silenciamento ficou explícito e foi agravado durante a pandemia, visto que as crianças foram totalmente excluídas das decisões. Não houve, como denuncia Tonucci (2020), nenhuma iniciativa dos governos em escutar meninas e meninos sobre o momento vivido: a crise sanitária, o isolamento social e suas percepções quanto ao atendimento não presencial.

Buscar compreender os direitos das crianças pequenas no contexto da Educação Infantil em tempos de pandemia significa problematizar essa (in)visibilidade dos bebês e crianças nessa travessia; implica em escutá-las, de modo a continuar garantindo seus direitos diante das distâncias das medidas tomadas pelos governantes, que muitas vezes não incorporam suas especificidades (CORRÊA, CÁSSIO, 2021).

Para isso foi necessário a construção de estratégias de escuta e análise de suas vozes, suas ideias, suas relações e suas invenções; considerando-as desse modo como sujeito de direitos, que reiteram seus modos de vida em seus grupos de pares e culturas de resistência, contribuindo para a mudança social, produzindo e compartilhando seus desejos, ideias e preocupações (FINCO, 2020). Nessa perspectiva, com a preocupação de conhecer como as crianças viveram suas infâncias nesse contexto pandêmico, buscamos refletir acerca das seguintes questões: Quais foram os lugares ocupados pelas crianças pequenas neste contexto? Quais interações vivenciaram e como essas interações ocorreram na creche? E por fim, partindo da premissa curricular da importância das interações e das brincadeiras no contexto da Educação Infantil (BRASIL, 2010), questionamos: como o direito ao brincar foi assegurado? O objetivo foi o de conhecer e analisar como as crianças pequenas, que frequentam as creches participantes dessa pesquisa, viveram suas infâncias no contexto da pandemia.

Participaram da pesquisa, crianças de 3 anos de idade de três creches e suas respectivas professoras, que fizeram parte da equipe de pesquisa desta investigação e foram responsáveis pela coleta de dados, constituindo-se assim em professoras-pesquisadoras. A perspectiva é de que este estudo possa dar visibilidade às vozes infantis e com isso contribuir na compreensão dos direitos das crianças pequenas, das suas formas de (r)existências e que possamos aprender com elas.

Caminhos metodológicos da pesquisa

Em face ao objetivo da pesquisa, optou-se por procedimentos metodológicos que permitissem: identificar nas vozes e manifestações das crianças o que significou vivenciar o período pandêmico, analisando os desafios para a garantia dos seus direitos ao brincar; dialogar com profissionais docentes sobre o viver da infância no contexto pandêmico. Para isso, utilizamos a documentação pedagógica docente, com registros fotográficos, falas e desenhos produzidos pelas crianças, no intuito de refletir sobre as vivências infantis. Nesta perspectiva, buscamos com a “ética do encontro” (BARBOSA, 2007), escutar o pensamento, as hipóteses, as idéias e teorias, perguntas e respostas das crianças e de suas professoras.

As investigações sobre as realidades da infância, que concebem a criança como sujeito partícipe, constituem-se como um campo de estudos emergente, que tem como demanda a necessidade de uso de um conjunto de estratégias metodológicas que viabilizem a recolha das vozes das crianças, tanto no ambiente online quanto presencial. Assim, além dos elementos de caráter técnico, procuramos ter uma postura investigativa de rigor científico, sensibilidade e compromisso ético, procurando no olhar das crianças, fenômenos sociais que o olhar adulto deixa na penumbra (PINTO, SARMENTO, 1997).

Nesse sentido, a fotografia foi utilizada como linguagem potente para a coleta e produção de dados da investigação. Essa documentação fotográfica foi realizada pelas docentes. A potencialidade do registro fotográfico na pesquisa foi concebido para além do caráter ilustrativo dos textos escritos, “para então buscar o lugar enunciativo das imagens, acentuando uma textualidade que confronta fontes, testemunhos, e complexifica os modos pelos quais olhamos e compreendemos nossos sujeitos de pesquisa” (LIMA, NAZÁRIO, 2014).

As fotografias são formas expressivas que possibilitam criar fontes documentais, pois capturam, registram, comunicam, produzem memórias e narrativas sobre realidades, por meio daquilo que as imagens evidenciam ou ocultam. Elas possibilitam leituras com os olhos

do presente, ou seja, uma leitura ressignificada. “Ao analisarmos fotografias, é importante não as considerarmos apenas como prova incontestável, definitiva de um dado da realidade” (GOBBI, 2012, p. 145).

A fotografia é, desse modo, um constante convite à releitura, a uma forma diversa de ordenar o texto imagético. "Pode ser olhada muitas vezes, pode ter outras interpretações, ela se transforma cada vez que é contemplada, revive a cada olhar" (KRAMER, 2002, p. 52). Diante disto, a interpretação das imagens apresenta-se como um instrumento de aproximação de fragmentos da realidade sócio histórica e cultural do grupo fotografado. Portanto, mais do que ilustrar as seções do texto ou dar-lhe um “colorido”, a fotografia reconstrói o próprio olhar do(a) pesquisador(a), apresentando-se como outras possibilidades de escritas – outros textos – da realidade estudada.

Os desenhos e relatos das crianças também nos mostraram suas ideias acerca da pandemia. Compreendido como uma das linguagens da criança pequena, o desenho revela sua processualidade, com linhas, formas, traços e cores, múltiplos pensamentos e ideias, frutos do conhecimento adquirido e da imaginação criadora. Os desenhos apresentam marcantes e inventivas maneiras de expor os assuntos que documentam o cotidiano, guardam memórias de infância e seus conhecimentos sobre diversos contextos sociais e culturais. Encontram-se neles, complexos processos de elaboração do presente e do passado, também de inventar, apresentar e projetar mundos (GOBBI, 2004).

O desenho atrelado à oralidade foi uma importante estratégia utilizada para escutarmos as crianças, como instrumento metodológico mediador para abordar com as crianças o que significa viver suas infâncias na pandemia. Escutar as crianças, a partir de suas narrativas carregadas de sentimentos, emoções e afetos, desejos e vontades, estas permitiram expandir seus pensamentos e compartilhar suas emoções e sentimentos, suas vontades, seus anseios e necessidades, diante deste novo contexto.

Nesse processo pudemos perceber, por meio dos olhares das crianças pequenas, suas relações e interações no brincar e o contexto do distanciamento, assim como o reflexo deste contexto na privação dos afetos, tais questões nos ajudaram a problematizar as especificidades do currículo para a Educação Infantil.

Os olhares das crianças pequenas para o contexto pandêmico

O silenciamento das vozes infantis se agravou no cenário pandêmico, em que pouco se soube o que se passou com as crianças. No entanto, como afirmam Serrão, Trevisan e Sarmiento (2020, p. 211), “(como se fosse necessário proclamá-lo...) as crianças existem, para além da tragédia e do confinamento social”. O mundo adulto com o qual a criança se relaciona ainda a percebe como um ser da “falta”, como um “vir a ser”, pouco se atenta ao que meninos e meninas viveram e sentiram nesse momento de isolamento social.

As crianças são agentes ativas no meio em que vivem, leem e comunicam o mundo de um modo muito singular e produzem cultura. O grande desafio está em compreender que, como categoria social específica, elas atuam a partir de suas próprias especificidades, a partir de sua visão de mundo, no impacto que produzem suas primeiras experiências na relação com os(as) adultos(as), às vezes controladores(as), às vezes protetores(as), fonte de satisfação, mas também de frustração.

Meninas e meninos são capazes de intervir no mundo, expressando suas ideias, escolhas, opiniões e fazendo propostas a respeito de todos os problemas que se colocam em seu cotidiano, isso porque “elas também ali vivem, como cada cidadão, e ali vivem a partir de seu próprio ponto de vista particular que é, ao mesmo tempo, mais ‘baixo’ e mais ignorado do que o dos outros” (TONUCCI, 2005, p. 20-21).

Essa potência das crianças revela-se nas diferentes relações que estabelecem entre elas, com os(as) adultos(as) e com o meio. É no âmbito das relações que a experiência educativa fundamenta-se. No caso das instituições de Educação Infantil, tal experiência foi profundamente impactada pelo distanciamento social, que privou as crianças da convivência com outras crianças e profissionais dessas instituições com as quais criaram vínculos afetivos e sentimento de pertencimento.

Esse sentimento de pertencimento revelou-se no depoimento das crianças, demonstrando a importância das creches como espaços educativos e fórum de socialização entre elas e com seus/suas educadores(as) (SARMENTO; SILVA, 2020), como se observa na fala de Laura, 3 anos: “Prô, eu quero ir para a minha escolinha. Abre a minha escolinha! Eu quero brincar com os meus amigos!”.

Cabe destacar que a suspensão do atendimento presencial ocorreu de forma abrupta, em março de 2020, em um período em que as crianças iniciavam a construção de vínculos com

seus pares, com as professoras e com o próprio espaço. Para algumas era o primeiro contato com essas instituições. Apesar das diferentes estratégias utilizadas pelas professoras: grupos de WhatsApp, Facebook, encontros por meio de plataformas como o Meet etc., com o intuito de manutenção dos vínculos, as crianças sentiam falta do contato com os corpos, do abraço amigo, do brincar juntas. Isso porque, “Esse modo próprio de se relacionar com os outros, por meio de encontros de corpos, buscando a construção de um vínculo afetivo, marcado pelo toque, é parte constitutiva das relações que as crianças estabelecem com o mundo” (BUSS-SIMÃO, LESSA, 2020, p. 1437-1438).

Segundo as professoras pesquisadoras, foi muito difícil saber exatamente o que ocorria com as crianças, visto que tudo que chegava a elas passava pelo filtro das famílias, o que gerou muitas incertezas de como as crianças estavam, o que sentiam, com quem estavam, o que faziam. Havia a necessidade de saber o que se passava no mundo das crianças, “o universo de seus sonhos, a linguagem com que se defendem, manhosamente, da agressividade de seu mundo. O que sabem e como sabem independentemente da escola” (FREIRE, 1993, p. 98) e, sobretudo, como viviam nesse contexto de tanta tristeza que marcou esse período de nossa história.

Com o retorno presencial, após um longo período de isolamento em casa, as crianças chegaram com muitas experiências e saberes sobre o contexto pandêmico para compartilhar com seus pares. A ludicidade, a imaginação e a fantasia, marcas próprias da sua forma de pensamento, vieram intensamente carregadas pelo desejo de compreensão da realidade que vivenciavam.

Figura 1. Fotografia “Coronavírus no alambrado da entrada da creche”



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 1 (2021)

Eduardo (3 anos), depois de mais de um ano de isolamento social, ao chegar na creche observa essa espécie de “carrapicho” fixado no alambrado da entrada, rapidamente faz a relação com o Covid (Fig. 1). A leitura da criança nos revela a materialidade da angústia a que todas, crianças e professoras, vivenciavam naquele momento, possivelmente retrata o desejo de que o vírus pudesse ficar preso, do lado de fora da creche, e que a creche pudesse ser um espaço protegido da pandemia.

As crianças vivenciaram a pandemia de modo muito peculiar e próprio da infância e junto com elas pudemos aprender o poder da fantasia e a buscar elementos para compreensão daquele novo contexto histórico. Provocadas pelas representações de seus desenhos e falas, pudemos perceber pistas importantes do que elas pensam sobre as suas vivências e do quão sensíveis e atentas são às mudanças (GIBIM, SILVA, FINCO, 2020) e às restrições impostas pelo contexto pandêmico, ao mesmo tempo em que também trazem marcas inventivas e reelaboradas das relações que vivenciam, sugerindo-nos outras possibilidades e conexões.

Figura 2. Desenho de Alícia (3 anos) "Coronavírus atrás das grades"



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 2 (2021)

Nesse sentido, o Coronavírus representado pelas crianças por meio dos desenhos revelam seus pensamentos e sentimentos em relação a esse perigoso vírus. Como o de Alícia, que desenhou o Coronavírus atrás das grades (Fig. 2), “pra não matar a gente”, visto ser ele “malvado” e “fica[r] bem bravo quando está preso”. Considerando que, uma vez preso, o problema da pandemia estaria resolvido.

Figura 3. Desenho de Ana (3 anos) “Como se proteger do Coronavírus”



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 2 (2021)

Ana, ao narrar a história contida no seu desenho, conta que fez um Coronavírus e as formas de como se proteger dele (Fig. 3). “As pessoas precisam lavar as mãos e também por álcool em gel pra lavar a mão, e também pôr a máscara pro Coronavírus não entrar aqui” [levando a mão ao nariz].

Figura 4. Desenho de Beatriz (3 anos) “Coronavírus e a maçã”



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 2 (2021)

À Beatriz, que desenhou um Coronavírus e uma maçã ao lado (Fig. 4), a professora-pesquisadora fez um comentário acerca da cor de seu bichinho estar da cor da fruta; então, perguntou à criança se o bichinho havia comido maçã, ao que menina respondeu que o Coronavírus comeu duas maçãs e banana, apontando com o dedo para as frutas que também

havia desenhado. A relação entre o Coronavírus e as frutas citadas por Beatriz sugere o reconhecimento por parte da criança de uma das medidas sanitárias de limpeza e higienização dos alimentos, visto que, talvez, sem essa medida o vírus também as “comeria”.

Os desenhos das crianças, considerados como representações sociais, frutos das experiências sociais e culturais delas, permitem compreender um pouco mais sobre o processo de atribuição de significados dados pelas crianças no contexto da pandemia. Buscar compreender suas perspectivas a partir dos seus desenhos e da oralidade, significa considerar suas experiências narradas e interpretadas, reconhecendo-as como protagonistas que têm muito a nos revelar.

Assim, ao apreciar os desenhos das crianças, podemos aprender como elas são críticas do seu tempo, participantes ativas da realidade social, investigadoras, elaboradoras de hipóteses, transformadoras do mundo que a cerca (FINCO, 2011). A escuta revela um sujeito com histórias e saberes, e nos permite compreender a complexidade dos seus mundos e as (re)apropriações que fazem do mundo que as rodeia (TREVISAN, 2007).

As interações e o brincar no contexto pandêmico

As interações e as brincadeiras são o eixo do trabalho pedagógico na educação infantil. Aprender em comunhão, no coletivo, implica na construção de espaços dialógicos, participativos e democráticos, que partindo das experiências concretas das crianças estimulem a pergunta, a curiosidade, a criatividade e a criticidade (SILVA, 2021a). Como assevera Malaguzzi (1999, p. 76, grifos do autor), *“O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos”*.

Assim, a configuração do currículo na Educação Infantil em campos de experiência intenta uma convivência democrática entre crianças e adultos(as), por meio de diferentes linguagens, sendo o brincar sua atividade central. O brincar é uma necessidade e um direito da criança, visto que ela *“vive na brincadeira experiências raras na vida do homem, como a de confrontar-se com a complexidade do mundo”* (TONUCCI, 2020, p. 241). Na garantia desse direito, é fundamental que a sociedade como um todo, e em especial as instituições educacionais, garanta condições de tempo, espaço e materiais para que brinquem. Como argumenta Tonucci (2020, p. 254), *“Uma cidade não pode negar aos seus cidadãos a*

oportunidade de usufruir de seus direitos, pelo menos aqueles definidos e consagrados na lei”.

Brincar é algo sério para as crianças, haja vista que, brincando, vão construindo e ressignificando o mundo, experimentando novas formas de ser e de pensar. As brincadeiras possibilitam às crianças expressarem suas leituras de mundo; seus sentimentos; conhecer a si, o(o) outro(a) e o mundo, físico e cultural; tomar decisões; fazer escolhas; partilhar saberes; solucionar problemas; aprender; produzir cultura (SILVA, 2017). Nesse sentido, reconhecendo tamanha importância na vida das crianças, as professoras participantes da pesquisa elaboraram propostas com várias brincadeiras para as crianças realizarem em suas casas durante o período de atendimento não presencial. Algumas famílias davam um retorno sobre as atividades realizadas, outras não, o que impediu as professoras de terem uma maior dimensão desse brincar durante esse tempo em que estiveram à distância.

Muito desse brincar ficou restrito às paredes de suas residências, por vezes circunscrito ao convívio apenas com adultos(as). Essa interdição sobre os corpos impactou as brincadeiras infantis, impedidas do encontro com outras crianças, delimitadas, mesmo no retorno ao atendimento presencial ainda em plena pandemia, a “cada um no seu quadrado”, como denunciam Buss-Simão e Lessa (2020), pois o encontro com esse outro corpo passou a significar perigo. Contudo, as crianças são desejosas desses encontros brincantes e, apesar das restrições impostas pelos protocolos sanitários, quando do retorno presencial, elas transgrediram. Encontraram maneiras de estarem juntas: brincando e interagindo, demonstrando a necessidade de comunicação.

Figura 5. Fotografia “O reencontro”



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 1 (2021)

Nos primeiros momentos de retorno para a creche, após o período de isolamento em casa, os protocolos sanitários buscavam demarcar os lugares que as crianças poderiam ocupar. Porém, pudemos perceber que, apesar de todas as medidas dos protocolos quanto ao distanciamento, as crianças pequenas sentiam necessidade do encontro, do toque corporal, sentiam saudades de seus/ suas colegas. Ao poderem interagir e compartilhar seus sentimentos em relação ao contexto vivenciado na pandemia, puderam estabelecer de alguma maneira um “significado afetivo” diante daquilo que era uma situação nova e desafiadora.

Figura 6. Fotografia “Um culação pa você” (Bruno, 3 anos)



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 2 (2021)

As crianças sabem que se aprende no coletivo. Elas nos ensinam sobre uma pedagogia das relações ancorada no diálogo, na amorosidade e no respeito às diferenças. Uma pedagogia que, como nos ensina Freire (2003), acontece em um espaço democrático, no qual a curiosidade encontra caminhos para a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, podemos aprender com elas “as artes de lidar com pessoas”, como aponta Arroyo (2003) e, a partir das práticas cotidianas repensar o currículo da Educação Infantil. Um currículo que rompa com práticas hegemônicas e reducionistas e acolha e valorize a diversidade intrínseca ao ambiente educacional, considerando que “o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado” (ARROYO, 2011, p. 13). Sendo assim, faz-se fundamental (re)pensá-lo com as crianças, ou seja, com aquelas para quem as creches estão a serviço, ou deveriam estar.

Descolonizar o currículo da Educação Infantil, não apenas no plano do discurso, mas, sobretudo, nas práticas pedagógicas é urgente. Essa urgência ficou explicitada na pesquisa frente a preocupação de muitas famílias com o ensino de conteúdos como cores, formas, números e letras, em uma perspectiva de “ensinagem” decorrente de uma concepção de Educação Infantil como etapa preparatória para o ensino fundamental. É de conhecimento que tal compreensão ainda é presente em algumas instituições que fundamentam seu fazer educativo em uma compreensão transmissiva do conhecimento, desconsiderando contextos, interesses e os próprios saberes de meninas e meninos, o que evidencia uma imagem de criança “pobre”, fraca e passiva, incapaz e subdesenvolvida, dependente e isolada” (DAHLBERG, PENCE. MOSS, 2019, p. 69). Infelizmente, em muitas realidades, a pandemia parece ter reforçado essa perspectiva com atividades estéreis e sem sentido para as crianças.

Um currículo para a educação de crianças pequenas, como se verificou nesta pesquisa, reconhece que as interações e as brincadeiras não são meras ferramentas da prática pedagógica, elas estão no âmago da educação das crianças e, conseqüentemente, dos currículos de creches. Por meio delas, meninas e meninos resistem às regras que lhes são impostas e que cerceiam suas vivências brincantes. Desse modo, romperam, por exemplo, com distanciamentos de tapetes que indicavam o “quadrado” em que deveriam permanecer, atribuindo a esses, outros sentidos e os reorganizando em função de seus interesses e necessidades, como fez Luana (3 anos):

Figura 7. Fotografia “Brincando de Descanso” (Luana, 3 anos)



Fonte: Acervo documentação pedagógica da Professora 2 (2021)

Ao observar as invenções das crianças e refletir sobre os sentidos construídos por elas a respeito dos protocolos de distanciamento, verificamos que elas transgridem e criam novos significados para as regras impostas pelos adultos(as). Essas transgressões demonstram sua necessidade em “conquistar o controle sobre suas vidas de várias maneiras. Uma das mais essenciais é resistindo às regras adultas e desafiando sua autoridade” (CORSARO, 2011, p. 181). Ao buscar conhecer a perspectiva das crianças, suas óticas, desejos e necessidades, é possível entender até que ponto as medidas de proteção que se lhes aplicam servem aos seus interesses ou as constroem.

Refletir sobre a relevância das interações, da brincadeira, imaginação, fantasia e invenções das crianças pequenas no contexto pandêmico permite compreender a ludicidade como possibilidade de transgressão, superação, recriação; permite a construção de novas relações e mundos possíveis. Compreender a importância da brincadeira das crianças em tempos pandêmicos foi um grande desafio, “porque justamente em momentos como esses que se torna fundamental transcender, imaginar, propor, pensar e elaborar outras realidades” (SOUZA, FINCO, TOMAZ, 2022, p.9).

Aprendendo com as crianças na pandemia: considerações finais

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (GALEANO, 1984, p. 310).

Inspiradas nas palavras da epígrafe acima, de Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano no livro “*Las Palabras Andantes*”, indagamos: quais utopias guiaram nossos passos na luta pela vida e pelas infâncias nestes tempos desafiadores da pandemia?

A pandemia impactou diretamente a vida de todas as pessoas, em especial das crianças, transformando a cotidianidade de suas vidas, privando-as do tempo e espaço de convívio com outras crianças e adultos(as) fora do seu círculo familiar. Por sua vez, as creches, lugares de vida pulsante, viram-se silenciadas, tristes. Seus/suas profissionais receosos(as) e inseguros(as), buscando formas de manter uma centelha de vida em um cenário tão devastador, lidando com a tensão entre a proteção das crianças e a garantia de seus direitos, entre os quais o conviver e o brincar.

Para nós, foi fundamental a busca por compreender como as crianças viveram esse período de isolamento social, suas restrições e dificuldades, assim como elas buscaram

estratégias para superá-las. A pesquisa mostrou, por meio dos registros pedagógicos, falas, fotografias e desenhos, como as crianças evidenciam seus saberes, sentimentos, curiosidades, desejos e necessidades diante do novo contexto vivenciado na pandemia. A escuta e o diálogo mostraram-se fundamentais nesse processo.

A escuta e o diálogo foram compreendidos aqui na acepção freiriana de um “falar com”, ao invés de “falar a”, o que denota uma horizontalidade na relação entre os sujeitos, todos merecedores de respeito, e não um exercício autoritário, vertical, de objetificação do(a) outro(a). No entanto, só pode falar com o(a) outro(a) quem de fato o(a) escuta (FREIRE, 2019). Isso nos leva a defesa de um currículo na Educação Infantil marcado pela dialogicidade, o que implica em uma atitude de escuta às crianças que atravesse toda a instituição educacional. Com Freire, compreendemos a escuta como um dos saberes necessários à prática educativa, o que “significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2019, p. 117) e, portanto, a uma postura de profundo respeito, reconhecendo-o(a) em sua alteridade e em seu direito de dizer a sua palavra. Palavra, historicamente silenciada e agravada nesses tempos de pandemia.

Contudo, a pesquisa reafirmou a potência das crianças, suas (r)existências em face a um contexto marcado por protocolos sanitários que as impelia ao distanciamento social, os quais elas transgrediram, comunicando por meio de suas tantas linguagens a necessidade de estarem juntas, brincando, e da impossibilidade de se pensar um ensino remoto ou híbrido para crianças pequenas.

Em suas (r)existências, aprendemos com as crianças sobre a utopia. “A infância é utópica” (SILVA, 2021b, p. 1009). Ela nos instiga, cotidianamente, a caminhar, a esperar e sonhar com uma educação emancipadora. Esperança como parte constitutiva da natureza humana e indispensável à experiência histórica (FREIRE, 2019), sem a qual não é possível lutar. E em tempos tão perversos como o que vivemos, a esperança e a utopia afirmam-se como uma necessidade de pensar, no coletivo, o impensável, de romper com as diferentes formas de exclusão (SANTOS, 2018). Que possamos, então, aprender com as crianças a possibilidade de sonhar outros mundos possíveis.

Referências

- ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Educação a distância na Educação Infantil, não.** Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/manifesto_anped_ead_educacao_infantil_abril_2020.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.
- ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, 2003.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo: território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARBOSA, Maria Carmen S. Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: as Socializações e a Escolarização no Entretecer Destas Culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p.1059-1083, out/2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BUSS-SIMÃO, Márcia; LESSA, Juliana S. Um olhar para o(s) corpo(s) das crianças em tempos de pandemia. **Revista Zero a Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1420-1445, dez. 2020.
- CHAVES, Rosa S. L.; FINCO, Daniela. Desigualdades, Violências e Pandemia: mulheres em rede na construção de uma pedagogia crítica feminista. In: PITO, Juliana; GOBBI, Márcia A. (Org.) **Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro**. São Paulo: FEUSP, 2021, p 301-313.
- CORREA, Bianca; CÁSSIO, Fernando. **Sem proteger crianças no isolamento, governos brincam de faz-de-conta**. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-sem-protoger-criancas-no-isolamento-governos-brincam-de-faz-de-conta/>. Acesso em: 24 mai. 2021.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAHLBERG, Gunilla.; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- FINCO, Daniela. Educação Infantil e gênero: meninos e meninas como interlocutores nas pesquisas. In: Patrícia D. P.; Altino J. M. F. (Org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 158-180.
- FINCO, Daniela; SOUZA, Ellen L.; ANJOS, Cleriston I. dos. Efeitos da pandemia e o aumento das desigualdades na vida das crianças: diálogos sobre violências e indiferenças. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 12-24, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Montevideo, Uruguai: Ediciones Chanchito, 1993.

GIBIM, Ana Paula P. G. ; SILVA, Daniele D.; FINCO, Daniela. Famílias e as suas dinâmicas de gênero: uma análise a partir dos desenhos infantis. **Humanidades & Inovação**, v. 7, p. 291-308, 2020.

GOBBI, Márcia A. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, n. 43, jan./mar. 2012, p. 135-147.

GOBBI, Márcia A. **Desenhos de outrora, desenhos de agora**: os desenhos das crianças pequenas no acervo Mário de Andrade, 203 fls. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de pesquisa**, n. 116, jul./2002, p. 41-59.

LIMA, Patrícia de M.; NAZÁRIO, Roseli. Sobre a luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças. **Educativa**. v.17, n. 2, jul./dez. 2014, p. 491-509.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org.) **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 59-104.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (Org.) **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

SANTOS, Boaventura de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de S. É necessário ser utópico hoje? In: SANTOS, Boaventura de S. **Na oficina do sociólogo artesão**: aulas 2011 a 2016. São Paulo: Cortez, 2018, p. 321-343.

SERRÃO, Bianca; TREVISAN, Gabriela; SARMENTO, Manuel J. Crianças digital influencers no combate à pandemia do Covid19. **Sociedad e Infancias**, n. 4, p. 185-288, 2020.

SARMENTO, Teresa; SILVA, Daniela. “Queo a miha shela, queo os amigos”: Refletir o isolamento social de bebês em tempos de pandemia na base de uma experiência vivida em Portugal. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1206-1228, 2020.

SILVA, Marta R. P. da. Criança, infância e cidadania: diálogos de inspiração em Paulo Freire. **Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 1, Passo Fundo, p. 359-379, jan./abr. 2021.

SILVA, Marta R. P. da; FASANO, Edson. Crianças e infâncias em Paulo Freire. In: SILVA, Marta R. P. da; MAFRA, Jason F. (Org.). **Paulo Freire e a educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, 2020, p. 57-82.

SILVA, Marta R. P. da. Paulo Freire e as crianças: um convite à infância. **Inter-Ação**, Goiânia, v.46, n. ed. especial, p. 1009-1019, set. 2021b.

SILVA, Marta R. P. da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 58, p. 83-100, 2017.

SOUSA, Adelaide R. de; FINCO, Daniela; TOMAZ, Renata. Apresentação do Dossiê Temático: “Agora eu era O Herói”: Brincadeiras e Cultura Lúdica nas Infâncias e Juventudes Latino-Americanas. **Revista Desidades** - Revista Eletrônica de divulgação Científica da Infância e Juventude, número 32. ano 10. jan - abr 2022.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set., 2020.

TREVISAN, Gabriela de P. Amor e Afectos entre Crianças A Construção Social de Sentimentos na Interação de Pares. In: DORNELLES, Leni V. (Org.) **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VIEIRA, Natália F. S. **A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia**: narrativas da trajetória de aprendizagem. 221 fls. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.

Sobre as autoras

Daniela Finco

Professora associada do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, professora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE da Universidade de São Paulo da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp Guarulhos. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Possui pós-doutorado pela Università degli Studi di Milano-Bicocca (Itália). Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Educação da Pequena Infância, Cultura e Sociedade da Unifesp. E-mail: dfinco@unifesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5731-1091>

Marta Regina Paulo da Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS). Doutora em Educação pela UNICAMP. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Pedagogia e Psicologia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. E-mail: martarps@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8574-760X>

Reny Scifoni Schifino

Professora aposentada de Educação Infantil na rede pública. Atualmente trabalha como Coordenadora pedagógica na rede pública. Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Fundação Santo André - CUFSA e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Participa como colaboradora do Grupo de Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Diversidade e Educação - GEPIDE. Email: renyss@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1422-7332>

Recebido em: 19/01/2023

Aceito para publicação em: 20/06/2023